

# MÍDIA, VIOLÊNCIA E JUVENTUDE: ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO, JUNTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI, NA CIDADE DE GOIÂNIA

Núbia da Cunha SIMÃO<sup>1</sup>  
Magno Luiz Medeiros da SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

**Palavras-chave:** mídia, violência, juventude, recepção

## Introdução

O aumento da criminalidade no Brasil possibilitou que um leque de imagens de violência ganhasse espaço, de maneira generalizada nos mais variados horários da televisão brasileira. Hoje, em programas do dito gênero popular, orientados ao relato do mundo do crime, muitas vezes, a ênfase é dada à violência policial, como solução para a segurança pública.

Um dos problemas dessa transmissão, sem precedentes, de imagens da violência urbana, é como jovens, em conflito com a lei, percebem tal construção imagética, que é quase sempre transmitida de forma difusa e desordenada.

Portanto, a proposta desta pesquisa é estudar como os menores em conflito com a lei, do Centro de Internação para adolescentes (CIA) do 1º Batalhão da Polícia Militar de Goiânia, re-interpretam e re-elaboram as representações das imagens de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso<sup>3</sup>. Ressalta-se que quase sempre, a violência espetacularizada têm os jovens como vítimas ou agentes.

## Materiais e métodos

Para estudar a recepção das imagens de violência por jovens em conflito com a lei, opta-se neste estudo pela conjugação das análises da teoria da recepção

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Facomb/UFG (2007), graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Goiás – UEG (2006), Especialista em Gestão Pública pela UEG (2008) e Mestranda em Comunicação, linha Mídia e Cidadania da Facomb/UFG, recebe bolsa de pós-graduação UFG. E-mail: [nubiasimao@gmail.com](mailto:nubiasimao@gmail.com). Atualmente é coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Araguaia (FARA).

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Mestrado em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás- Facomb-UFG, linha de pesquisa Mídia e Cidadania. Atualmente é diretor da Facomb. E-mail: [magno@reitoria.ufg.br](mailto:magno@reitoria.ufg.br).

<sup>3</sup> O programa Chumbo Grosso é exibido de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 14h15, pela TV Goiânia, afiliada da TV Band, para o Estado de Goiás. Ele pode ser definido, grosso modo, como um gênero populareesco orientado ao relato de infrações à lei e do cotidiano dos policiais, muito centrado nas chamadas ocorrências. Ou seja, o programa registra e dota de visibilidade a dinâmica cruel da violência na região metropolitana da capital goiana, sempre enaltecendo as ações policiais.

da escola de comunicação Latino-Americana conjugada com a denominada análise qualitativa, por meio da pesquisa participante.

A metodologia que propomos busca não negligenciar o cotidiano dos receptores. Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa visa adentrar o imaginário simbólico destes jovens quando o assunto é a transmissão de imagens sobre violência e a interpretação que a mídia dá a esses fatos. Para tanto, a idéia é considerar o contexto da recepção, incluindo na análise as experiências do cotidiano dos jovens, por meio da aplicação de entrevistas e conversas com os menores em conflito com a lei, no Centro de Internação para adolescentes (CIA) do 1º Batalhão da Polícia Militar de Goiânia.

Como expõe García e Ramos (1998, p 46) existe a necessidade inerente aos estudos sobre violência e meios de comunicação de agregarem uma série de fatores que constituem a complexidade de sua dinâmica e comecem a pensar como a mente, o sistema de representação social, o imaginário coletivo, a memória, ordenam, codificam e re-elaboram este conjunto discursivo de fragmentos audiovisual dotando-o de funções e sentidos.

Usar-se-á o enfoque da Teoria da Recepção orientada nas idéias desenvolvidas, principalmente, por Martín-Barbero e Orozco Gómez. Na releitura de Medeiros (1998, p. 275) “a teoria da recepção tem por objetivo resgatar o sujeito do processo de comunicação, buscando interpretar os espaços de produção, interpretação, ressemantização e negociação incessante de sentidos. O receptor deixa de ser visto como mero consumidor”.

A abordagem qualitativa deve servir de aporte para considerar nas análises a complexidade dos contextos da recepção. A pesquisa qualitativa tem como características: o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; os dados coletados, em sua maioria, são essencialmente descritivos; os investigadores qualitativos se preocupam muito mais com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; a análise dos dados tende a ser um processo indutivo; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida é a preocupação essencial na abordagem qualitativa (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 50).

Como assinala Barbero (1998, p. 5) “apenas os meios, quando o que estes fazem e o que eles produzem no público não podem ser entendidos a não ser em referência às transformações nos modos urbanos de comunicação”. Medeiros

(2001, p. 01) assinala ainda que tal perspectiva de trabalho entende o “processo comunicativo não como dimensão estática ou linear, mas como um universo dinâmico e interativo, dialético e recíproco”.

O autor salienta-se que no “processo comunicacional, o receptor também assume a função de agente influenciador na relação, portanto, sujeito ativo, que, através da experiência real e cotidiana, decodifica, interpreta e reelabora as informações recebidas e construídas”.

Assim, busca-se com a conjugação da teoria da Recepção e as análises qualitativas estudar a recepção das imagens de violência veiculadas no programa Chumbo Grosso pelos menores em conflito com a lei, considerando seus contextos sócio-econômicos.

### **Resultados e discussão**

Falar de violência é contar sobre algo tão presente na história da humanidade e ao mesmo tempo tão complexo e ambíguo. Não é simples a tarefa de definir a violência. Diversos conceitos têm sido propostos para falar de muitas práticas, hábitos e disciplinas, de tal modo que todo comportamento social poderia ser visto como violento, inclusive o baseado nas práticas educativas, tais como na ideia de violência simbólica proposta por Bourdieu (2001). Para esse autor a violência simbólica realiza-se de forma velada, pois se insere em tramas de relações de poder neutralizadas.

Nem sempre a violência se fundamenta em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e é neste momento que nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres, práticas culturais, nos disciplinando por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções e não se dá somente em atos e práticas materiais. (Abramovay, 2006, p.15).

Segundo Alba Zaluar (2004, p. 228-229) violência vem do latim violentia, que remete a vis (força, vigor, emprego de força física, ou recurso do corpo para exercer sua força vital), essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim, carga negativa, ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do

sofrimento causado), que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente.

Michault (1980, p. 8) já chamava a atenção para a relação entre violência e sua representação. A situação é, pois, de imediato tão clara como inexplicável: de um lado, a violência é totalmente real, de outro aparece unicamente em determinado tipo de representação do campo social. Possui uma positividade inelutável e ao mesmo tempo, flutua e se metamorfoseia conforme as convicções que a apreendem.

O autor afirma que a positividade da violência muda de aspecto segundo quem fala por ela, quem a avalia, quem a interpreta e quem a sofre. Os torturadores metamorfoseiam sua violência em “dever de Estado”; a polícia não pratica a violência mas, faz “reinar a ordem nas ruas”; os tiranos quando cometem violência dizem defender “o direito natural do seu poderio” além das violações em nome de “segurança do Estado”.

Os meios de comunicação atuam como construtores privilegiados de representações sociais e especificamente de representações sobre o crime, a violência e sobre aquelas pessoas envolvidas em suas práticas e coibições. Numa relação, muitas vezes, cinematográfica, entre bandidos e mocinhos.

A interpretação dos produtos da mídia nos remete às relações de poder, uma vez que são produtos de conflitos travados não somente no campo econômico, mas também no campo simbólico. No dizer de Martin-Barbero (1997, p. 284) “é nesse terreno que se articulam as interpelações a partir das quais os sujeitos e as identidades coletivas se constituem”.

Estas novas construções estéticas, ancoradas na dinamicidade da linguagem audiovisual, interpelam o receptor pela intensidade e imediatez e comungam de uma estética, que longe de optar por uma descrição objetiva e fiel da dinâmica da violência em sua(s) manifestação(s) na realidade social apresenta-se como um lugar privilegiado de construção de valores, identidades, mediações e sentidos.

Neste contexto entendemos a violência “como parte de uma nova ordem sócio-cultural e espaço-temporal que caracteriza-se pela proliferação de seus centros, que se tornam múltiplos e instáveis” (Rocha, 1997, p. 29).

## Conclusões

O trabalho ainda está em fase de conclusão, a fase empírica das entrevistas em profundidade deve começar em julho de 2011. Sendo que o objeto final será a dissertação de mestrado em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Cidadania a ser apresentada em março de 2012.

## Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam Castro; Mary G. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto, 1994.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GARCIA, S; Ramos, L. **Médios de Comunicación y Violência**. Instituto Mexicano de Psiquiatria y Fondo de Cultura Econômica: México, 1998.

HABERMAS, J. **Teoria de la Acción Comunicativa: Complementos y studios previos**. Madrid: Cátedra, 1989.

MARTÍN-BARBERO, J. **Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos**. Novos Olhares, n1, ECA-USP, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MEDEIROS, Magno. **Educação face à mídia: interacionismo e mediações in Comunicação & Informação/UFG, Faculdade de Comunicação**. V. 1, n2, (jul/dez. 1998). Goiânia: UFG, Facomb, 1998.

MEDEIROS, M. **Análise interpretativa de audiências infanto-juvenis em situação de rua**, 2001, Goiânia. Disponível em <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1189.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1189.pdf)>. Acesso em 14 dez. 2009.

MICHAULT, Y. **Violência y Política**. Barcelona: Ediciones Ruedo Ibérico, 1980.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. **Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios**. Data. 1997, 285 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São paulo, Local. São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho.

ZALUAR, Alba M. **integração preversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.